

S O B R E V I V Ê N C I A

Cel

CARLOS FERNANDO

1. A intensificação da instrução especial, através de cursos existentes, em praticamente tôdas as guarnições (às vêzes até em várias unidades dentro de uma mesma guarnição), trouxe, em seu bôjo, o problema, de um de seus ramos, que é o da sobrevivência.

Não raro, os menos avisados, julgam que um exercício de sobrevivência consiste em uma espécie de piquenique de escoteiros com ênfase na parte ligada ao aproveitamento dos conhecimentos botânicos ou então, em um treinamento para faquir visando a dar ao instruendo a resistência do cavalo do inglês da conhecida anedota.

Há mesmo nessa instrução, em certos casos, não por descuido e sim por falta de conhecimentos, um certo exagêro a que o homem (animal forte e superior aos demais) resiste, mas sabe Deus a custa de quanto sacrificio inútil e dispêndio de energia que poderia ser melhor canalizada para outro fim.

2. Visando a trazer algum esclarecimento adicional sôbre tão importante ramo da instrução é que nos propusemos a, neste pequeno artigo, expor idéias e normas que devem presidir a execução dos exercícios.

Inicialmente e como premissas fundamentais devemos ter em mente o seguinte:

a. Qualquer militar pode se ver compelido a enfrentar uma situação em que tenha que lutar pela sua sobrevivência ou de seus comandados.

b. A sobrevivência, em si, só terá valor se o militar conservar a vontade de prosseguir na luta.

Essas duas premissões são válidas. Se atentarmos para a definição do que se entende, na vida militar, por sobrevivência verifica-se fâcilmente que há que cuidar para que tal tipo de instrução seja difundido. Vejamos a definição:

"Sobrevivência é o estado em que estará o combatente (ou o grupo de combatentes) que, isolado ou reduzido a seus próprios recursos por circunstâncias fortuitas, porém ainda animado da firme vontade de prosseguir na luta, sabe encontrar e usar elementos de subsistência, abrigo e combate no meio ambiente em que se encontra."

Examinando essa definição nota-se que, no nosso caso, não se trata mais sômente de prolongar a vida apesar das condições adversas, mas, e principalmente, a de preservar a vontade de lutar quando tudo in-



cita à capitulação. Para que tal vontade seja preservada torna-se necessário que o homem esteja habilitado moral, física e técnica-mente.

Outro ponto a ponderar é que numa ação do estilo "comando", levada a cabo por efetivo reduzido só representará uma situação característica de sobrevivência a partir do momento em que, ligações cortadas com o escalão superior, o elemento isolado não puder cumprir a missão e regressar à base nos prazos previstos.

É muito comum ligar-se a noção de sobrevivência à de guerrilha. Isso é perigoso, porquanto, leva a maioria dos militares não a pensar que encorajados nesse tipo de operações tal problema não lhes diz respeito. Nada mais falso. Na guerra de hoje com as mutações que sofre o combate, qualquer militar, inclusive aquele motorista de comboio que viaja só em zonas afastadas da frente de operações, pode-se ver sujeito a ataques inopinados que o obriguem a participar de uma situação em que a instru-

ção de sobrevivência não recebida ou mal assimilada lhe fará falta.

É verdade que as forças do tipo "comandô" ou aquelas pequenas frações levadas a lutar isoladas devem se interessar sobremaneira por esse tipo de instrução. Tais frações no desempenho normal de suas missões estão, dada a sua instabilidade, na situação, que um estudioso do assunto denominou, de pré-sobrevivência pois, em regra, o material que conduzem consigo é limitado e qualquer mudança leva-os ao estado de sobrevivência.

3. Vejamos como deverá ser conduzida a instrução. Inicialmente vamos lembrar que tal instrução deve incidir nos aspectos: moral, físico e técnico.

A primazia do primeiro aspecto é óbvia. Não é possível inculcar uma vontade de luta, a qualquer risco, sem ter, *a priori*, convencido o indivíduo do valor dos ideais pelos quais ele lutará. Além disso está provado que, em qualquer situação excepcional, é o moral que desempenha o principal papel na resposta que o indivíduo dará a tal situação.

A instrução de sobrevivência é toda ela baseada na noção de *Superação*. Trata-se de convencer o indivíduo de que ele pode fazer e suportar muito mais do que aquilo de que ele, *a priori*, se julga capaz. Só assim ele poderá enfrentar qualquer situação, por mais imprevisível que seja, com a confiança que mais facilmente leva ao sucesso.

No que tange à preparação moral deve-se, preliminarmente, dar uma informação o mais possível objetiva sobre a meta a atingir e dar ênfase particular aos aspectos da confiança em si próprio e da

necessidade da coesão e solidariedade que deve presidir ao entendimento dos grupos que participam da instrução.

A preparação física deve ser conduzida de forma a levar o homem a se sobrepor à fadiga sem contudo levá-lo à exaustão. Muito mais do que, bater recordes trata-se de aumentar no homem a confiança em seus próprios recursos físicos.

Finalmente, no que toca à instrução técnica a busca da alimentação e do abrigo devem constituir a base sólida sobre a qual se assentará posteriormente a do aproveitamento dos recursos existentes para a construção de armadilhas e armas contra o inimigo.

Assim, uma das principais dificuldades é a de ensinar a distinguir entre plantas muito semelhantes as que são comestíveis das que não o são. Outro ponto, ainda referente a alimentação, que merece atenção e cuidado é o da prática da caça já que, normalmente, essa deverá fornecer o essencial à subsistência e não se faz um caçador em tão pouco tempo.

Essa parte da instrução é muito facilitada quando os homens a instruir já possuem, da vida civil, o hábito da vida rural. Com os citadinos o problema é bem maior. É verdade que não se trata de transformar um mecânico de viatura em um herbívoro ou um motorista em um caçador profissional, mas é necessário que qualquer um possua as noções básicas nesses aspectos.

A questão do abrigo é bem mais simples e de fácil aprendizado.

Nessa parte da instrução também se deve ter o cuidado de exigir os deslocamentos sem ruído e sem dei-

zar rasto, fazer fogo sem fumaça e outras medidas tendentes a não se denunciar ao inimigo.

4. Os exercícios, após a fase inicial de preparação psicológica, física e moral, podem ser montados em torno de uma das seguintes idéias:

a. "Ensinar aos homens a se comportar em situação excepcional, em terreno em poder do inimigo, sem reabastecimento normal, para tentar, evitando o combate, retornar a território amigo".

b. "Aprender a viver e combater nas retaguardas inimigas, para cumprir uma determinada missão".

É preciso ficar bem claro que os exercícios não devem constituir um treinamento para "faquir" nem de "viração" com fins alimentícios. O objetivo que não deve ser perdido de vista é o do prosseguimento da luta; seja escapando para retornar a ela, seja mesmo cumprindo missões de destruição e outras nas retaguardas inimigas.

Para concluir vamos transcrever o que sôbre o assunto, sobrevivên-

cia, diz autor de grandes conhecimentos:

"Qual será, em caso de guerra, a reação do combatente especialista que, súbitamente, se vê isolado, sem nada a fazer de sua especialidade normal devido à destruição de seu material de trabalho? Será que isso não o levará a pensar que seu papel de combatente terminou? Será que esta tentação de assim pensar não será favorecida pelo fato de êle se ver desamparado em meio a uma natureza que desconhece?"

A eventualidade de uma tal situação constitui, levando-se em conta o caráter implacável da guerra moderna, um grave perigo que está a exigir um mínimo de precauções:

— primeiramente convencer todo militar que a situação de ter que apelar para conhecimentos de sobrevivência em combate, não é apenâgio de alguns combatentes.

— em seguida, ensinar a todos os meios de enfrentar tal situação".

BIBLIOGRAFIA

REVISTA L'ARMÉE — Corpo Redatorial
SURVIE — Cap Giraud

"Honra a Pátria no Passado — sôbre os túmulos dos heróis; glorifica-a no Presente — com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro — com a dedicação que é a Fôrça da Fé.

COELHO NETO